

Desafios da pós modernidade

Um dos pensadores mais influentes da atualidade, o sociólogo francês Michel Maffesoli diz que a academia tende a um modelo racionalista e defende o uso do imaginário para resgatar seu sentido de conhecimento

Patrícia Pereira

A universidade e a pesquisa acadêmica, no Brasil e em outros países, estão desconectadas da vida concreta, cotidiana, porque seguem um modelo ultrapassado, ainda associado à lógica moderna de organizar o mundo. Essa é a visão de Michel Maffesoli, sociólogo francês e um dos principais teóricos da pós-modernidade. Para ele, a universidade precisa se preocupar mais com o conhecimento produzido a partir da experiência cotidiana e menos com a ciência dura, estanque da vida, filha das grandes teorias herdadas dos séculos passados.

Maffesoli esteve na Cátedra Cario Maria Martini, da PUC-Rio, para um encontro multidisciplinar cujo tema de base era o "O Retorno do Sagrado". Como professor da Universidade Sorbonne, em Paris, e membro de comitês científicos de revistas internacionais, aproveitou para falar sobre a universidade e a pesquisa acadêmica na atualidade.



Maffesoli: o intelectual deve ser um provocador

Para o sociólogo francês, a modernidade se caracterizou por uma racionalização generalizada da existência. A razão passou a sistematizar tudo, eliminando outras formas de organizar o pensamento. Sua proposta, no contexto da pós-modernidade, não é o irracionalismo, mas o uso de uma "razão sensível", aberta para a emoção, a afetividade, a magia. "Alguns teóricos acreditam ser impossível uma sensibilidade teórica. Dizem que seria um monstro. Eu não vejo assim", disse Maffesoli no encontro realizado na PUC-Rio.

Em entrevista à revista **Ensino Superior**, Maffesoli explicou que não faz uma crítica da razão, mas a um racionalismo que de certa forma fez da razão um sistema. "Não é uma negação da razão, mas exatamente uma integração da razão, um enriquecimento da razão com a ajuda das emoções, das paixões e assim por diante."

Para ele, esse é um sério problema na universidade

como regra. As instituições de ensino superior permanecem geralmente com um modelo muito racionalista e têm a tendência de deixar as questões sociais e os afetos de lado. "Se a universidade não pretende estar completamente desfasada, desconectada da vida social, é necessário que os universitários saibam integrar todos esses afetos sociais. E não sei se eles vão saber fazer isso."

Mas o pensador já vê elementos que apontam neste caminho. Ele cita, por exemplo, o uso da palavra imaginário em campos como a sociologia, a filosofia, as ciências políticas e até a Economia. Ele lembra que o imaginário foi relegado pela modernidade e não tinha o direito de ser citado no

ficados, mas usuais, como liberdade, progresso, democracia, contrato social. "Há uma necessidade de reencontrar palavras em conexão com o que vivemos atualmente."

O sociólogo defende ainda que o motor da universidade é o debate, a troca, algo que vai além do dogma. "Mas preferimos a segurança das grandes afirmações, como a dogmáticas marxista, freudiana etc.", critica. Seguindo esta visão, Maffesoli disse durante o encontro que não tem vontade de constituir um sistema maffesoliano, algo que pudesse vir a ser dogmático. "Gosto do risco do pensamento, de algo que podemos discutir e não que tenha a pretensão de ser um dogma."

universidade retomasse o sentido original da palavra *universitas*, do latim, mais preocupada com a velha idéia de se obter conhecimento.

Mais tarde, ao falar com a revista **Ensino Superior**, retomou o conceito de *universitas* ao dizer que vê valores pós-modernos nas universidades que buscam uma grade curricular mais flexível e com maior comunicação entre os departamentos. "De verdade, acredito que a universidade compreendeu que não é mais possível separar, dividir, se tornar em série, mas voltar a essa dimensão muito mais transversal. Do meu ponto de vista, a única possibilidade de salvar a universidade finalmente é voltar a essa flexibilidade das disciplinas."

SE A UNIVERSIDADE PRETENDE SE CONECTAR COM A VIDA SOCIAL, É NECESSÁRIO QUE OS ALUNOS SAIBAM INTEGRAR OS AFETOS. NÃO SEI SE ELES SABEM FAZER ISSO

pensamento teórico. Segundo ele, junto com o cotidiano, o imaginário forma as duas "frentes de ataque" de seus estudos, como descreveu no encontro da PUC-Rio.

O cotidiano, aliás, deve ir para o centro das pesquisas, defende o sociólogo. Segundo ele, os intelectuais ainda apresentam certo desprezo ou desconfiança da vida como ela é, mas cita uma frase de Max Weber para enaltecer essa característica. "Temos de estar à altura do cotidiano", diz, lembrando que é na vida cotidiana que são vividas as experiências e tudo o que concerne à vida humana. Por isso, defende um retorno do olhar para a experiência do dia a dia.

"É bom agir não a partir da idéia vinda do alto, mas a partir da situação do que vivemos. E isso é o mais difícil".

Para Maffesoli, um dos papéis do intelectual é ser provocador, o que pode ser exercido dentro dos quadros da universidade. Uma maneira é colocar em questão palavras dotadas de signi-

Ao final do encontro, perguntado sobre como fazer ciência dentro deste novo paradigma, chegou a questionar a própria necessidade de fazer ciência de acordo com a visão atual a respeito dela. "Não estou certo nem se devemos fazer ciência, ao menos com essa dimensão pesada de se encontrar uma verdade. Prefiro a busca do conhecimento." De acordo com Maffesoli, há uma espécie de fascinação pelo fazer ciência que vem do século XIX e que acaba governando a sociedade.

Para ele, as ciências humanas e sociais deveriam "voltar a ter um pouco mais de humildade" e ater-se à simplicidade do cotidiano, do conhecimento proveniente do acompanhamento do que acontece e não da dura produção de verdades. "Deveria ser primeiro viver e só depois filosofar. O primeiro passo é a vida, o que é vivido e só depois o conhecimento."

Em tom de brincadeira, Maffesoli mencionou que entende a necessidade de fazer ciência para se conseguir bolsas e financiamentos das entidades de pesquisa, mas disse desejar que a

De acordo com o sociólogo, é possível ter uma disciplina principal, mas é desejável que ao lado dela existam outras disciplinas transversais. Apesar de esse caminho de flexibilização e integração, que ocorre em algumas universidades do Brasil, remeter a valores pós-modernos, Maffesoli disse em visita anterior feita ao país que os intelectuais brasileiros continuam presos ao esquema moderno. "Eu disse isso?", questiona aos risos. "Eu acho sim, mas eu não deveria ter dito. Eu não gosto de fazer críticas aos colegas brasileiros. Não é bom fazer críticas ao país dos outros", completa o sociólogo.

Em sua opinião, havia no Brasil o caminho de uma espécie de importação do modelo europeu, marxista especificamente. E a modernidade é, essencialmente, o pensamento marxista. "Se a intelectualidade brasileira permanecer neste modelo marxista marxizante, não atingirá o que é a vida concreta. A minha crítica é essa. Não é necessário continuar no antigo caminho marxista mais. A gente pode chegar a questões mais concretas sem esse caminho." •